

Desventuras no Altiplano

Ernesto Rusche Junior

Parte I - O trem da morte

O que parecia ser um táxi deixou-nos na estação de Puerto Soares, cidadezinha boliviana situada na fronteira com o Brasil, próxima a Corumbá. Tratava-se de um veículo antigo, todo amarrotado, cuja marca e modelo eram impossíveis de se identificar. Além de mim, viajavam mais três passageiros, o motorista e a bagagem, é claro. Difícil dizer quem sofria mais, se a carga ou os passageiros. Só sei que foi um grande alívio quando desembarcamos na estação e pude colocar novamente minha mochila às costas. Era a primeira vez que nos aventurávamos por aquelas terras que outrora pertenceram ao poderoso império Inca. Foram semanas de preparativos e, uma vez dentro da Bolívia, nosso objetivo final era alcançar Machu Pichu, no Peru e, se possível, regressar incólume até o final das férias. O ano era 1980 e comigo viajava Christina Barros, que freqüentou o CEU nos idos de 79 e 80. Viagens através destes países sempre se constituíram numa fonte inesgotável de aventuras, sofrimentos, situações absurdas ou tragicômicas. Mochileiros dos quatro cantos do mundo podem ser vistos perambulando pelas montanhas, vales, cidades e ruínas do altiplano andino. E quase que obrigatoriamente todos passam ou passaram alguma vez pela experiência de viajar num daqueles famigerados "trens da morte". Conosco não foi diferente. Logo ao me deparar com a estação, percebi que não era bem aquilo que havia imaginado. A construção velha, suja e mal cuidada, abrigava um guichê de vendas, dois banheiros, uma sala de chefia e a plataforma. Por toda parte se notava um certo ar de abandono. A venda de bilhetes estava fechada e não havia qualquer informação a respeito de trens ou horários. O único indício de que poderia haver trem naquele dia era o grande número de pessoas que ia se acumulando na plataforma: mochileiros, vendedores, estudantes, camponesas cholas e famílias inteiras se aproximavam da boleteria. E carga, muita carga: fardos, caixas, malas, engradados e uma infinidade de sacolas iam sendo depositadas à espera de embarque. Ao se abrir a portinhola do guichê, instaurou-se um pequeno tumulto. Todos queriam saber do trem e comprar boletos. Como não havia fila, imperava a lei do mais forte. Finalmente fomos informados de que haveria trem, porém, nem mesmo o Divino poderia dizer com certeza o horário da partida. De posse dos bilhetes, afastamo-nos rapidamente da boleteria e aguardamos. Enquanto esperava, ia me lembrando dos avisos e recomendações de alguns amigos, que nos alertaram para o perigo de furtos que ocorrem nesses momentos. No meio da confusão você não percebe que a sua mochila está sendo cortada e saqueada. Por isso, não tive dúvidas: antes de sair de casa, revesti minha mochila com chapa de latão por dentro, inclusive a tampa e o fundo, de forma que me sentia tranquilo na condição de mochileiro blindado!

Duas horas depois, encostou o trem, ou melhor, não encostou! Ficou parado na linha seguinte, paralelo à plataforma. Foi quando se deu o grande tumulto.

A turba, ávida pelos melhores lugares lançou-se ao assalto dos vagões como se vidas estivessem em jogo. O desafio era saltar da plataforma, atravessar os trilhos e arremessar rapidamente a bagagem através das janelas para tentar conquistar um assento. Os mais ousados escalavam a parede do vagão e arremessavam a si próprios ou seus filhos pelas janelas. Ora, como me considerava mais ou menos civilizado, decidi embarcar pela porta na extremidade do vagão, ou seja, pelo lugar normal. Logo de cara, topei com um soldado armado de fuzil e de olhar perdido no horizonte, que disse: "no puede pasar"! Perguntei-lhe "y por que no"? Repetiu: ":no puede pasar". Pensei com meus botões "acho que não adianta insistir isso deve ser uma gravação!" Corremos para a outra extremidade do vagão e após duelarmos bravamente contra os cotovelos das cholas, conseguimos entrar e nos sentar. Depressa, coloquei as mochilas no bagageiro sobre a janela e, para maior segurança, um cadeado pela alça das mesmas. Agora sim, estávamos prontos para a "viagem". Bom, pelo menos era o que eu pensava!

Após algumas tentativas de me ajeitar no banco de madeira, percebi que o encosto formava um ângulo estupidamente reto com o assento e que a distância a ser percorrida seria de pouco mais de 650 Km..Em poucos minutos, o vagão ficou lotado. As cholas iam colocando suas caixas e fardos sob o banco, debaixo de nossos pés e pernas, sem ao menos um pedido de "permissão". E se você não protesta, elas o transformam num encosto ou até num assento! Não que eu seja preconceituoso, mas o fato de que elas não são muito chegadas a banho, torna difícil qualquer tipo de aproximação. O ar abafado e o calor intenso fluíam através das janelas, tornando nauseante o ambiente. Os retardatários tiveram que se contentar em viajar em pé ou sentados sobre suas próprias bagagens. E foi neste clima que o trem finalmente apitou, partindo lentamente rumo a Santa Cruz de la Sierra. Nem chegou a pegar grande velocidade; parou novamente logo adiante. Muitas e exasperantes paradas se sucederam. A cada parada, dezenas de crianças e adultos vinham até a janela para vender seus produtos, como frutas, biscoitos, comida em geral. Não contentes com o comércio externo, adentram pelo interior dos lotados vagões, pouco se importando se o trem segue andando, pois é sabido que uma nova parada está prevista logo à frente. O que é mais surpreendente é a total falta de higiene reinante. É comum a figura da chola que vai andando pelo trem com um cesto na mão, levado à altura do ombro, contendo "cordero assadito". A outra mão é utilizada para pegar diretamente os pedaços de carne, receber o dinheiro, dar o troco e ainda se equilibrar durante os solavancos do vagão. Entenda por se equilibrar o ato de apoiar a engordurada mão nas costas dos passageiros, é claro ...

Além dos secos, são também vendidos os "molhados". A cantilena melancólica vai se aproximando: "Chicha..Chicha blanca..". E vejo outra chola que, tal qual equilibrista, desloca-se com um balde em cada mão. Um deles transporta uma beberagem de coloração branca, fermentada do milho. O outro balde leva água, que no início do dia é clara! No pescoço da chola vai pendurado um caneco. O freguês pede e a índia serve, mergulhando o caneco no balde de chicha e aguarda ao lado. Uma vez saboreada a tradicional bebida, o caneco é lavado no balde com água "limpa", tendo início novamente a cantilena "Chicha"... Não importa o quanto esteja lotado; o

comércio ambulante prossegue ao longo do trem durante toda a viagem, no mesmo ritmo da composição, ou seja lento!

Se voce achou difícil conviver com esta situação, espere até chegar o momento de precisar fazer pipi! Caso esteja viajando sozinho, a coisa se complica ainda mais. A primeira dificuldade é conseguir chegar até o banheiro. É desanimador. O segundo problema está relacionado com a segurança da bagagem. É preocupante. E o terceiro item a considerar diz respeito à garantia do seu lugar. Não há garantia! Portanto, deve-se pensar muito bem antes de fazer uma incursão ao toilete. Obviamente, a opção de levar a mochila está descartada. Se tiver sorte de ter "bons vizinhos", pode pedir a eles que olhem o lugar e a bagagem para você, mas não confie muito. Quem não sofre com este tipo de situação angustiante são as cholas. Com suas diversas saias coloridas e graças à capacidade que têm de permanecer por longos períodos agachadas, o problema é facilmente resolvido. Somente quando se levantam é que notamos o serviço feito. E pouco se importavam com os protestos dos demais passageiros.

O percurso entre Puerto Soarez e Santa Cruz abrange uma região plana e sem atrativos. A paisagem através da janela é estupidamente monótona. A baixa velocidade e o número de paradas fazem com que a viagem demore vinte e quatro horas ou mais, no caso de "fuerza mayor"! À medida que a noite vai se aproximando, o povo agora cansado, acomoda-se como pode. Por volta da meia-noite, o corredor está tomado por uma massa humana inerte. Deitados sobre bagagens ou uns sobre os outros, impedem qualquer deslocamento no interior do trem. Se antes já era difícil ir ao banheiro, agora só pela via acrobática. Por mais cansados que estivéssemos, o desconforto total, associado aos sons e solavancos do trem, impedia-nos de dormir. Entretanto, havia até quem roncasse...

Nossa partida se dera por volta das 14 horas. O período da tarde até que passou rápido. Conversamos bastante com um grupo de estudantes que voltavam para casa de "vacaciones". Vez ou outra, cochilávamos. Era a terceira noite seguida viajando, sem dormir direito. Partimos de São Paulo rumo a Campo Grande; viajamos à noite e gastamos o dia lá, perambulando pela cidade. Na noite seguinte, novo trem para Corumbá e em seguida o táxi nos deixou "aptos" a enfrentar o famigerado trem da morte. Nada como ter vinte anos!

O segundo dia passado naquele trem boliviano foi uma penitência impossível de ser descrita. Lá pelas tantas, uma chola idosa, com uma galinha preta nas mãos, encostou próximo ao nosso banco. Não demorou muito, para que num solavanco mais forte do trem, a velhota caísse sentada sobre meus joelhos e ...ali ficou! Vocês podem estar pensando: "mas, você não cedeu gentilmente o lugar a ela " ? NÃO! Naquele trem vigorava uma lei que Charles Darwin escreveu há muito tempo: os mais fortes ou mais aptos devem sobreviver! E ela acabou se arrumando num canto qualquer. Porém, há um ditado popular que diz: "o castigo vem a galope". No nosso caso, ele veio mesmo, mas "à galinha"!

Após 32 horas de viagem, o trem finalmente conseguiu chegar a Santa Cruz de la Sierra. Isso se deu por volta das 23:00 h. O desembarque da bagagem na plataforma foi uma das coisas mais dantescas que já presenciei em qualquer viagem até o presente momento. Simplesmente formaram uma montanha de "equipaje", que ia aumentando à medida que arremessavam do teto e dos bagageiros dos vagões. (Algo parecido com aqueles filmes sobre o holocausto !) A multidão de "passageiros" aguardava o chamado para reconhecer e abrir seus pertences aos funcionários da aduana, que, com aquela delicadeza, examinavam: mala por mala, mochila por mochila ..O frio era de rachar e o cansaço indescritível! Vencido este tormento, fomos liberados. Pegamos um táxi, que nos deixou num hotel qualquer onde dormimos por quase 24 horas seguidas!

Desventuras no Altiplano - Parte II - Eleições na Bolívia

Uma vez vencida a provação do trem da morte, tivemos um longo e merecido descanso. Após o *desayuno* saímos para dar uma volta em Santa Cruz de la Sierra. Na estação rodoviária, nos disseram que não haveria ônibus para Cochabamba naquele dia. Motivo: *Fuerza Mayor!* No dia seguinte, também não. Motivo: eleições na Bolívia! Não se falava em outra coisa: golpe, *revolución*. Quem saberia com certeza? Uma mochileira australiana nos fez companhia, e juntos passeamos pela cidade durante os dois dias que lá estivemos. Na manhã do terceiro dia, por volta das cinco da matina, quando nos dirigíamos até a porta do hotel, topamos com um *portero* que dormia encostado à mesma. Acreditem, o cara não se levantou para abrir a porta! Foi preciso que eu e a Chris arrastássemos a cama com o dito cujo em cima para ganharmos a liberdade. Conseguimos embarcar num ônibus da empresa "Transrelâmpago" rumo a Cochabamba e, de lá, uma conexão ferroviária para La Paz. Esta viagem de trem até que foi agradável. Conhecemos um mochileiro argentino *muy* amigo, mas que mais tarde se revelaria um tremendo mala sem alça.

Um tal de Hotel Andes, no centro de La Paz, cujo banho era controlado por horários, nos hospedou na capital. Além de ser passagem quase obrigatória rumo ao Peru, tínhamos também outros objetivos ali: aclimatação e percorrer uma trilha de nome Takesi; uma espécie de preliminar à trilha para Machu Pichu. Caminhar pelas ruas de La Paz mereceria um relato à parte. O antigo e o moderno se mesclam, especialmente quando nos afastamos do centro comercial. Cholas montam suas barracas ao clarear do dia e só vão embora à noite. Seus rebentos permanecem ao lado ou às costas, numa espécie de rede; vez ou outra levam cotoveladas, quando insistem em chorar demais. Vende-se de tudo nas *calles*, desde folha de coca até cordeiros, que são decapitados ali mesmo, na sarjeta!

Na manhã do embarque, enquanto aguardávamos um caminhão para nos levar até o início da caminhada, Chris escrevia seu diário de bordo. Saí para "sacar *unas fotos*" pela redondeza. Chegou um camelô com sua mesinha dobrável e em seguida estendeu um *poster* grande no chão. Era um daqueles onde se vê um corpo humano mostrando todos os órgãos internos. Tirou

umas caixinhas da maleta e começou a falar alto, no idioma deles. As cholas foram se aproximando. À medida que falava, o camelô ia apontando para os diversos órgãos. Devagarinho, me aproximei e vi o produto miraculoso que vendia: sal de fruta Andrews. Decidi fotografar a cena. Fui me afastando para enquadrar melhor (disfarçadamente, é claro) sem olhar para trás. Dei mais alguns passos e...a maldição da velhota do trem começou a fazer efeito! Tropecei e caí sobre uma barraca de frutas, derrubando-a. A chola, furiosa, reagiu atirando *naranjas* sobre o gringo que tentava se recompor. Enquanto isso, as demais riam em *aimarál* (idioma nativo da região de La Paz) da minha cara! Zarpei rapidinho dali, não sem antes levar uma foto comigo.

As eleições já haviam acontecido, mas, a contagem dos votos seguia num ritmo, digamos, andino. Embarcamos no caminhão e, duas horas depois, saltamos para o nosso *trekking*. Essa caminhada é muito bonita, pitoresca, passa por uma aldeia indígena de nome Takesi e termina numa espécie de vila de mineração chamada Choclea. O percurso todo nos tomou dois dias e meio e é uma caminhada de altitude. É preciso aclimatar-se antes em La Paz. Não tive problema algum, mas a Chris. No final do segundo dia, o mal da montanha começou a jogar duro com ela. O terceiro dia foi muito difícil. Tive que levar minha mochila e a dela também. Caminhávamos muito lentamente. O trecho final, ao anoitecer, foi dramático. Era uma longa subida até o centro da cidadezinha, passando por ruelas estreitas e tortuosas; uma espécie de favelão aimará. Entretanto, minha velha e boa estrela brilhou novamente. Ao perguntar a um rapaz se havia hotel no lugar, ele respondeu que não mas disse que poderíamos nos hospedar na casa dele, pelo tempo que fosse necessário. Acomodamo-nos no chão da sala e depois saímos à procura de um restaurante, onde somente eu jantei.

Conseguimos ônibus de volta a La Paz no dia seguinte. Enquanto isso, a contagem dos votos prosseguia. De tanto ouvir falar nas ruínas de Tiahuanaco, resolvemos conhecê-las. Um micro ônibus decrépito, de linha regular, nos levou até lá. Passamos o dia andando, fotografando e papeando com um ou outro gringo. A cidade, propriamente dita, estava quase deserta; tinha até aqueles tufois rolando com o vento, como nos filmes de bang-bang. Na volta, tivemos que embarcar noutro micro ônibus, desta vez lotado, vindo sabe Deus de onde. Lá pelas tantas, o ônibus parou numa espécie de posto fiscal. Um pouco antes, porém, duas cholas nos ofereceram gentilmente seus lugares. Aceitamos de bom grado; sob nossos pés repousavam caixotes e fardos. O milico entrou e mandou todo aquele povo descer, nem olhou para a nossa cara. Da janela ouvíamos lamúrias, reclamações e chiadeira em geral. Devia ser uma espécie de "derrama" local ou algo assim. Pouco depois, o ônibus estava lotado e malcheiroso novamente. Prosseguimos a viagem e aí as ditas cholas começaram a nos fazer sinais de que gostariam de voltar a seus assentos. Que sacanas! Já não éramos mais interessantes a elas. Fiz de conta que não compreendia, afinal, éramos gringos! Então ela se fez compreender. Agarrou minha camisa na altura do ombro, sacudiu-me com força e gritou: - *CABALLERO, JO QUIERO MI ASSIENTO CABALLERO!!!!* Imediatamente, dúzias de olhares furiosos se voltaram contra nós. Como estávamos em minoria, decidimos não enfrentar o império Inca. Portanto, atendemos diplomaticamente o educado pedido...

Próximo a La Paz, já na parte alta, Chris começou a se sentir mal e tivemos que fazer uma retirada estratégica daquela barca do inferno. Foi quando ela proferiu sua retumbante frase que ecoou pelas encostas do Ilimany: "BOLIVIA, NEVER MORE!" Naquele momento de emoção, concordamos plenamente com ela, mas nenhum de nós cumpriu essa promessa de fato. Voltamos caminhando para o centro de La Paz, aproveitando o entardecer e a riqueza do ar rarefeito. A marcha das apurações continuava por todo o país.

Parte III - A Marinha Boliviana e o Mochileiro Vacilão

Já era tempo de prosseguir em nosso curso, afinal, Machu Pichu ainda estava distante. Apertamo-nos novamente num ônibus, desta vez rumo a Copacabana, às margens do lago Titicaca. O cenário não muda muito; montanhas áridas ao longe, aldeias pobres, muita poeira e vento gélido. Já, o lago impressiona de fato! Um dia e meio em Copacabana foram suficientes para curtir o local. Visitamos a ilha do Sol, com suas ruínas e as ilhas flutuantes de totora (Los Uros). Estas são erguidas a partir de juncos amarrados e sobrepostos em camadas. É preciso cuidado ao andar sobre o "chão"; às vezes, afunda-se até os joelhos. Após algum tempo, são abandonados porque vão encharcando, sendo substituídas. Os nativos vivem sobre estas ilhas e vendem um artesanato muito bonito aos turistas. Por todo lado se vê aqueles barcos de totora pilotados por hábeis remadores, geralmente em pé, próximos á popa.

A esperança que os bolivianos têm, de um dia alcançar o mar, os faz manter uma frota de pequenos barcos de patrulha e eles insistem em chamá-los de marinha! Os "marinheiros", fardados de branco e com a inscrição Marinha de Bolívia no boné, perfilam-se diante da pequena base em Copacabana. Há uma placa onde se lê: "O mar é nosso por direito, recuperá-lo é nosso dever". Obviamente, riamos à larga, das piadinhas que fazíamos a respeito. De qualquer forma, conhecer o lago Titicaca e seus mistérios é um passeio imperdível!

Era nosso dever cair fora dali o quanto antes. Motivo: as apurações estavam terminando e a vitória do candidato Siles Suazo era dada como certa. Rumores de golpe já circulavam pelas *calles*. Embarcamos na balsa que faz a travessia do lago, rumo ao Peru. Antes, porém, tivemos que passar pela aduana boliviana. A cena foi antológica. O oficial olhou nossos passaportes, olhou para nossas caras de mochileiros felizes e sentenciou: - *Ustedes son CLANDESTINOS ?!*

- *Como? No, no. Por que ? Nosotros somos turistas y..*

- *No hay registro en su passaporte! Hace cuanto tiempo están en Bolivia ?*

(Aquilo só podia ser praga daquela velhota chola do trem)

-*Ustedes pueden ser presos, deportados y peor...*

(Comecei a me imaginar num trabalho forçado em alguma mina de cobre nos confins da Bolívia e a Christina numa prisão feminina com carcereiras cholas)

- *No volver jamás a Bolivia..*

(Ainda bem que "isso"era o peor!) De repente, caiu a ficha!

Claro, quando saímos de Corumbá e o táxi nos deixou naquela maldita estaçõzinha, não havia guarita, nem cancela, sequer um soldadito para nos pedir documentos. No trem, idem. Na chegada a Santa Cruz, nada. Só podia ser proposital, para arrancar propina de mochileiros desavisados. Então, fomos adentrando território boliviano, como um par de ingênuo-deslumbrados!!! Notei o semblante de preocupação da Chris. O jeito foi usar o jeitinho. Fiz, então, a clássica pergunta ao oficial (que aguardava..):

- *Señor, de que forma podemos arreglar todo esto de manera satisfactoria?*

- *Ustedes serán que pagar una multa!*

- *Ah, si? E de cuanto?*

- *Cinquenta dólares.*

(Era muito para *nosotros*, considerando que saíramos de São Paulo com U\$ 500 cada um. Mas, era melhor do que ser preso na Bolívia, às vésperas de um golpe de estado. Puxei uma nota de 50 e ao entregar, veio o golpe final)

- *CADA UNO!*

- *Ah não, pera aí, nosotros somos estudiantes y ..blá blá...*

Não adiantou; depois de muito chororô, ficou por 40 dólares per capita. A grana foi direto para o bolso dele e o carimbaço veio em seguida.

Cruzamos o lago e entramos no Peru. No dia seguinte, o general Luiz Garcia Meza efetuou o golpe de estado, impedindo a posse do presidente eleito Siles Suazo. As fronteiras foram fechadas. Minha velha estrela brilhara novamente! O percurso seguinte, até Puno, se deu na carroçaria de um caminhão lotado, em estrada fria e poeirenta (Pelo menos dessa vez não embarcaram touros...). Permanecemos dois dias em Puno, descansando e repondo energias. O único passeio digno de nota foi aquele até um cemitério Inca, com suas torres, no alto de uma colina. Nossos organismos começaram a dar sinal de que algo não ia bem. Já estávamos aclimatados à altitude. Devia ser outra coisa e isso me preocupava. A próxima etapa do roteiro a encarar seria mais um dia de trem e pronto! Estaríamos na capital do antigo império: Cuzco. Mas, aquela não era uma viagem de molezas! Durante o trajeto, fui acometido por forte dor de barriga. Para meu espanto, não eram gases nem diarreia e sim um uma cólica visceral, profunda, das entranhas. Tive que me deitar no banco do trem sob efeito de dois analgésicos, torcendo para que não fosse apendicite. Chegamos a Cuzco por volta das 19 horas e conseguimos vaga num hotel na Plaza de Armas. Aquilo fervilhava de mochileiros dos quatro cantos do mundo.

Parte IV - A trilha inca e o mala sem alça*

Foi uma zoadá durante toda a noite. Uma verdadeira Babel de gringos conversando e rindo, ao som de "*El Condor Pasa*"! Minha cólica misteriosa melhorou, até sarar por completo. Mas, o legal mesmo é que estávamos em Cuzco. Todo excursionista que se preza deveria conhecer esta cidade! Situada a 3.400m, Cuzco encanta de várias maneiras. A parte antiga, com sua arquitetura inca, de grossas paredes de pedra, mescla-se com o colonial espanhol. As janelas, com seus balcões em madeira entalhada, suas *calles* estreitas, iglesias e museus, deixam qualquer um de queixo caído.

Em 1980, o percurso pela trilha até Machu Picchu era liberado. Em qualquer esquina se podia comprar mapas detalhados da famosa *Inca Trail*. Diariamente, partiam dois trens: o da manhã era o trem "turista" e o da tarde era o dos mochileiros e campesinos. Após dois dias conhecendo a cidade tomamos o trem rumo ao nosso objetivo. Por coincidência, lá estava o mochileiro argentino que havíamos conhecido entre Cochabamba e La Paz. Aliás, ele nos encontrou. Papo vai, papo vem, é chegada a hora de saltar no Km 88. O trem parava por cinco ou dez minutos. Em seguida, era preciso cruzar o Rio Urubamba. Isso era feito numa plataforma de madeira, suspensa por cabo de aço; embaixo, corredeiras! Como havíamos tomado o trem da tarde, decidimos acampar ali perto e começar a caminhada no outro dia.*

O mochileiro argentino resolveu "grudar" em *nosotros* como carrapato! Ele queria de toda maneira e modo cozinhar sua janta numa fogueira; gastou seus fósforos e ainda pediu os nossos. Conseguiu esfumaçar a panela. Por fim, tivemos que emprestar nosso fogareiro a gás. Na hora de montar o acampamento, ele percebeu que lhe faltavam espeques. Não teve dúvidas: montou sua barraca colada à nossa e ainda usou nossos espeques de "bombordo" como apoio para *su carpa*. Decidimos dar um basta naquilo. Acordamos *muy temprano* e, silenciosamente, desmontamos nossa barraca, tomando o cuidado de colocar pedras onde lhe faltavam espeques. O cara roncava em alto e bom som. Partimos.

Nossa aclimatação estava ótima. Caminhávamos com disposição. O primeiro dia foi longo, cansativo e rendeu muito. O primeiro *paso* está a 4.200m. Visual de "encher os olhos", com picos nevados ao longe e outros cobertos de floresta. Em seguida, uma longa descida para novamente subir e vencer o segundo *paso*. Passamos por várias ruínas incas: Runkurakay, Sayacmarca, etc. O acampamento foi bem mais tranqüilo sem o "mala" portenho. O segundo dia foi relativamente mais fácil. A maior parte do trecho é plana ou descida; mais ruínas pelo caminho. Impossível lembrar o nome de todas. Acampamos próximo a Winaywayna (eu acho ..). O terceiro dia também foi maneira, com a caminhada rendendo muito. À tardinha avistamos, enfim, nosso objetivo: Machu Picchu! Majestosa, irreal, ela estava lá de verdade! Mas, não descemos até ela. Acampamos dentro de uma ruína, ao lado da trilha. O plano era descer cedinho, antes da chegada do trem com turistas, e assim foi feito. Atualmente, o pessoal dos *trekkings* contratados desce até Machu Picchu na tarde do quarto dia, restando pouco tempo para curtir a cidade.

Após um dia de andanças, descemos até a estação e caminhamos pelos trilhos até a próxima estação: Águas Calientes. Ficamos num *camping* com direito a banho de piscina termal, noturno. Recuperados, voltamos a pé para mais um dia em Machu Picchu. Esquadrinhamos cada metro quadrado, cada ângulo, cada nicho. Acompanhávamos tudo com o livro de Hiram Bingham, o descobridor. Conversamos com o pessoal de escavações e reconstrução, e também com guias de excursões. Não poderia ter sido mais completa nossa estada por lá.

Agora, o rumo seria um só: o longo caminho de volta. Tomamos o trem, mas saltamos logo adiante, em Ollantaytambo, cidade-fortaleza situada a 2.790m, localizada estrategicamente para dominar o vale sagrado dos incas. Também passamos por Pisac e não deixamos de ver a fortaleza de Sacsayhuaman, próxima à Cuzco. Um trem exasperante (com bancos de madeira e longitudinais) gastou 24 horas para nos levar de Cuzco a Arequipa. Esta pitoresca cidade, situada numa espécie de oásis no vale desértico merece ser vista. Muitos edifícios são construídos com um tipo de rocha clara e alguns são bastante decorados. Após um pernoite, seguimos viagem de ônibus para Arica e depois Antofagasta, no Chile. Voltar pela Bolívia, nem podendo! Na fronteira Peru-Chile, não é permitido passar com frutas, de forma que tivemos que nos entupir com as ditas cujas para não jogar fora.

Após um dia em Antofagasta, tomamos o trem Transandino até Salta. Pelo menos, este trem era mais confortável, de forma que as 36 horas de viagem até que foram "agradáveis"! Nossa grana já estava escasseando; era preciso economizar. Solução encontrada: cruzar a Argentina de carona. Christina fazia o clássico sinal com a mão, enquanto eu ficava meio, digamos, em segundo plano, atrás das mochilas. Não foi difícil. Com duas caronas chegamos em Clorinda, às margens do Rio Paraguai. O caminhoneiro nos deixou próximo ao rio, na periferia da cidade, onde acampamos. No dia seguinte, cruzamos de balsa para Assunción e de lá, ônibus para Foz do Iguaçu. Fechamos a viagem com chave de ouro, curtindo as cataratas. Já bastava de peripécias, cholas, pragas e flagelos... Será ?

No primeiro sábado após nossa chegada a Sampa, fomos a um cinema. Lá pelo meio do filme, eu disse à Chris que me sentia mal e que precisaria ir ao banheiro. E ela me respondeu: eu também! Saímos correndo. Dois dias depois, o diagnóstico estava fechado: HEPATITE A! Boliviana ou Peruana? Jamais soubemos ao certo.

E o mala-sem-alça? Que fim teria levado? Bom, quando estávamos embarcando na estação de Machu Picchu, na volta, conversamos com um gringo que nos disse ter conhecido um mochileiro argentino, um tanto quanto esquisito, com uma mochila de rodinhas e que estaria retornando ao Km 88, por falta de comida, combustível e de condições físicas ...